MIRANDA DE ANDRADE

FLORBELA ESPANCA
EM CATALÃO

Separata do «Boletim da Biblioteca
Pública Municipal de Matosinhos», n.º 16

1969

B)
21.134.3-1Espanca
AND

COMPOSTO E IMPRESSO NA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA LEIXÕES

RUA BRITO CAPELO, 251 MATOSINHOS

OBRAS DO AUTOR:

Camões e o Platonismo (um problema de crítica literária). 1926.

O Poeta António Fogaça (estudo biográfico-crítico). Ed. Livraria Cruz. Braga. 1949

A Lição de Camões (estudo sobre o valor moral de «Os Lusíadas»). 1951.

Eça de Queirós e a «Revista de Portugal» Ed. da rev. «Ocidente». Lisboa. 1953.

Ao Ritmo da Vida (estudos e crónicas). 1959.

Obra Poética de António Fogaça (organização e prefácio). Ed. da Câmara Municipal de Barcelos. 1964.

ESTUDOS PUBLICADOS EM DIVERSAS REVISTAS CULTURAIS:

Goya e a modernidade da sua Arte. 1963.

O «Cancioneiro Chinês» de António Feijó. 1965.

Um Ensaio de Garrett sobre a poesia Portuguesa. 1966.

Acerca de «A Gioconda» de Leonardo de Vinci. 1966.

O parnasianismo de Jaime de Séguier. 1966.

O Poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. 1966.

Dois Álbuns Literários dum Poeta Portuense. 1967.

A Amizade de dois Poetas: António Fogaça e António Nobre. 1967.

Luís de Magalhães e a evolução do seu lirismo. 1968.

Garrett e os Ingleses. 1968.

Conferências:

O Poeta, Jornalista e Cônsul Jaime de Séguier. 1966.

Vida e Lirismo de António Nobre. 1967.

Garrett e Chateaubriand. 1969.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
№ 11621
Perm. Barcelone

FLORBELA ESPANCA EM CATALÃO

Por MIRANDA DE ANDRADE

EM Julho do ano de 1947, publicava um jornal de Braga, por mim dirigido, um dos melhores sonetos de Florbela Espanca, o intitulado *Neurastenia*, que pertencia, e pertence, ao primeiro livro de versos da grande poetisa. Não era inédito, portanto, mas extraído do «*Livro de Mágoas*», já dado à estampa em 1919, o formoso soneto, que ilustrou a página cultural do jornal bracarense, onde outras poesias e outros poetas de valor iam sendo revelados ao público, como esse agora famigerado Fernando Pessoa, altíssimo vate então quase totalmente ignorado.

Passaram-se meses, e, num dia de Março do ano seguinte, trouxe o correio uma carta dirigida ao director do periódico com a indicação ou o pedido de ela ser entregue a Florbela Espanca, supondo-a o signatário um ser do século masculino e colaborador, ainda vivo, do mesmo jornal. Continha a carta umas breves palavras endereçadas a Florbela e a tradução, para catalão, do seu já citado soneto *Neurastenia*. Na verdade, fora expedida de Espanha, de Saragoça, tal missiva, e era um poeta espanhol o seu autor.

Entendeu o director do jornal que devia promover a imediata publicação daquela composição lírica, acompanhando-a de um comentário esclarecedor da simpática e espontânea homenagem prestada, com absoluta sinceridade, a um talento lírico cuja altura impressionara fortemente a alma de outro cultor da poesia, embora estrangeiro. E decorridos alguns dias, em 6-3-1948, inseria o diário bracarense, na sua página cultural, o seguinte:

> «Publica hoje o «Correio do Minho», nesta página, dois sonetos: um, da grande poetisa Florbela Espanca; outro, de um poeta espanhol, que se revela distinto, Enrique Aletá Roca, de Saragoça,

capital do Aragão. Estes dois sonetos têm uma breve história. E, por ser curiosa, não resistimos a contá-la:

Trouxe o correio, há dias, uma carta endereçada ao Director deste Jornal e proveniente daquela cidade espanhola, com o pedido de ser entregue «al Poeta Florbela Espanca». Por não ser possível remetê-la à pessoa a quem era verdadeiramente destinada, visto já não pertencer ao número das existentes neste mundo, abriu-se a carta e deparou-se com os dois sonetos referidos.

Verificou-se imediatamente que essas produções poéticas versavam o mesmo tema e que o autor espanhol, entusiasmado com a admirável composição de Florbela, resolvera traduzi-la para a sua língua.

Desconhecendo que a genial poetisa morrera, acrescentou estas palavras em castelhano, dirigindo-se directamente a Florbela como se viva fora: «Le pido perdón por el atrevimiento de intentar hacer la traducción de sus versos, pero no he podido resistir a esta tentatión. Le saluda cordialmente su Affmo. S. S. q. e. s. m. E. Aletá Roca.»

Julgamos que poucos exemplos haverá duma admiração tão sincera e tão pura pelo talento de alguém. É que Aletá Roca tudo desconhece de Florbela: não só que não é viva, mas ainda que era... mulher. Em si, actuou apenas, e muito espontâneamente, um sentimento de real apreço pelas raras qualidades poéticas de uma alma extraordinária, cuja alta vibração lírica encontrou eco na sua própria...

Não escondemos que tal sentimento, de mais a mais expresso por forma tão amável e delicada, nos merece a maior simpatia. Em nome da memória da homenageada, aqui lhe significamos vivos agradecimentos.

E resta apenas agora, para total elucidação dos nossos leitores, dizer-lhes que o soneto *Neurastenia*, de Florbela Espanca, foi publicado, em 6 de Julho passado, na página cultural do «Correio do Minho». Por intermédio do nosso jornal, que também é lido na capital aragonesa, foi que Aletá Roca conheceu o formosíssimo soneto, que tanto fez vibrar a sua sensibilidade poética.»

No fundo da página, transcreviam-se os dois sonetos: o da autora portuguesa e o do tradutor espanhol. Encimavam-nos o mesmo título:

NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!
Um sino dobra, em mim, Ave-Marias!
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Veneza...

FLORBELA ESPANCA

O vento desgrenhado, chora e reza
Por alma dos que estão nas agonias!
E flocos de neve, aves brancas, frias,
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?
Vento... tenho saudades! Mas de quê?
Ó neve, que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso!!...

NEURASTENIA

Tinc avui l'ánima plena de tristesa!
Una campana toca, dins meu, Ave-Maries!
Allá fora, la pluja, — mans primes i esblanqueides—
Pinten el finestral de randes de fil i seda...

El vent, avalotat, plora i ressa
Per l'ánima del's que estan en agonies!
I borrallóns de neu, aus blanques, enfredorides,
Baten les ales per la Naturalesa...

Pluja... tinc tristesa! Més perqué?
Vent... sento anyorança! Més de qué?
Oh neu, quin desti mes trist el nostre!

Oh pluja! Oh vent! Oh neu! Quin dolor!
Diguéu al món sencer d'aquesta amargor,
Que'm digui aixó que sento i que'l meu cor fa batre!!...

Pareceu-me que o assunto não deveria encerrar-se com a simples inserção destes sonetos na página literária do jornal e com as breves embora bem elucidativas palavras acerca da carta do poeta Aletá Roca. Se este poeta, admirador do estro de Florbela, desconhecia a vida desta e a sua obra, havia que fornecer-lhe os necessários elementos para que tivesse uma informação precisa relativamente à grande poetisa alentejana, sobretudo à sua extraordinária obra lírica. Assim o fiz em carta que lhe enderecei, juntando-lhe o preciosíssimo livro de Florbela que lhe ofereci na mesma ocasião: o dos «*Sonetos Completos*».

Não tardou a resposta do lírico espanhol, que, embora residindo na capital do Aragão, creio ser de origem catalã. Em 30 do mesmo mês de Março de 1948, manifestava-me o seu agradecimento numa bem interessante carta, escrita em castelhano, onde o seu entusiasmo por Florbela, «una de las mas grandes y distinguidas figuras literárias de la noble y querida nación Portuguesa», o levou a afirmar que «hay que descubrirse ante la grandeza de su arte y de su fina semsibilidad.» Merece ser aqui transcrita essa carta, em que Aletá Roca, além da profunda admiração que lhe causaram os belos versos da «Poetisa Lusitana», não deixou de apreciar o estudo crítico de José Régio que precede a magnífica colectânea florbeliana. Ei-la:

> «Le acuso recibo de los números del periódico de su digna dirección que tuvo la fineza de remitirme («Correio do Minho») y del magnífico volúmen de los Sonetos Completos de la malograda y gran Poetisa Lusitana FLORBELA ESPANCA (q. e. p. d.) que le agradezco infinitamente queriendo significarle al mismo tiempo la profunda impressión que ma ha causado el tener conocimiento de que por un azar del destino me habia dirigido sin saberlo á una de las mas grandes y distinguidas figuras literarias de la Noble y querida nación Portuguesa, y que para mayor dolor habia desaparecido del mundo de los vivos, lo que para mi y después de haver leido el prefacio que tan magistralmente define á la ilustre escritora debido á la pluma de Dn. José Régio y los cautivantes versos de FLORBELA de una belleza dificil de igualar en los que vierte con estilo tan claro y de manera tan profunda y llena de sinceridad toda la amargura de su alma incomprendida por muchos, quiero dejar Sr. Director sentado con mi humilde criterio que
>
> hay que descubrirse ante
>
> la grandeza de su arte y de su fina sensibilidad. FLORBELA escribe, se puede decir por fatalidad, su naturaleza poética vibra á la más pequeña emoción y encuentra en sus versos el lenitivo y la suprema compensación en sus tormentas espirituales.»

Para comprovar, mais uma vez, a sua admiração pela grande sonetista, remetia juntamente a tradução de um dos seus sonetos, declarando em *post-scriptum:* «Le adjunto la traducción de uno de los sonetos de la tan admirada artista, y tendria un gran placer en que le fuera grato.»

Não ficou por aqui a atitude homenageadora de Aletá Roca. Em cartas sucessivas, de Abril, Junho e Julho do referido ano, enviou-me mais alguns sonetos traduzidos—uma meia dúzia—, que não chegaram a ser publicados por motivos que, a tão longa distância dos factos, não posso

verdadeiramente precisar. Mas não se perderam as traduções que me tinham sido remetidas: sempre pensei dar-lhes, mais cedo ou mais tarde, publicação. E, apesar de tantos anos decorridos, uma vintena, não quero protelar por mais tempo esta significativa homenagem, rendida por um poeta estrangeiro, embora «nuestro hermano» e vizinho, à memória daquela que, na frase de António Ferro, «não escreveu um verso sem talento e sem alma».

A seguir, pois, encontrará o leitor os sete sonetos que cuidadosamente conservei,—sonetos que oferecem a particularidade de serem versões catalãs de versos de Florbela Espanca. Encontra-se esta traduzida em diversas línguas, mas desconheço que o tivesse sido em catalão. Será esta a primeira vez que tal sucede, graças à sensibilidade poética de Aletá Roca. Para melhor inteligência de quem os ler, apresentam-se sucessivamente os dois textos: o do original e o da respectiva versão.

CASTELÃ DA TRISTEZA

Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sòzinha em meu castelo: a Dor!
Passa por ele a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... À quem?...
—E o meu olhar é interrogador—
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, por que choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais?...

À noite, debruçada, p'las ameias,
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...
Que sonhos afagam tuas mãos reais?...

CASTELLANA DE LA TRISTESA

Altiva i insensible amb desdeny,
Visc soleta en mon castell: Oh Dolor!
Passa per ell la llum d'un gran amor...
Mai dintre sos murs, ningú entrá en ell!

Castellana de la Tristesa, mires?... Qué...
— I el meu mirar es interrogador —
Escodrinyo, al lluny, les ombres en la foscor...
Plora el silenci... rés... ningú vé...

Castellana de la Tristesa, perqué plores
Llegint, tota de blanc, un llibre d'hores,
A l'ombra retallada del's finestrals?...

En la nit, agenollada per les almenes,
Perqué resas baixet?... Perqué penes?...
Quin somni afalaga tes mans reials?...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!

Sonhar um verso de alto pensamento,
E puro como um ritmo de oração!
E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ocos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

TORTURA

Voldria del pit arrancar la Emoció,
La clara Veritat, el Sentiment!
Que fóssin sortits del cor amb passió,
Un grapat de cendra llençat al vent!...

FLORBELA ESPANCA

Somniar un vers d'alt pensament,
I pur com un ritme d'oració!
Que fós sortint del cor amb passió,
Pols, rés, el somni d'un moment...

Aspres i buits sont els meus versos:
Rimes perdudes, vendavals dispersos,
Amb que enganyo als altres, amb que mento!

Qui trobar pogués, el vers pur,
El vers altiu i fort, estrany i dur,
Que digués, al plorar, això que sent-ho!

A MINHA DOR

A minha Dor é um convento ideal,
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres de agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal...
E todos têm sons de funeral.
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

EL MEU DOLOR

El meu Dolor es un convent ideal
Plé de claustres, ombres i arquivoltes,
A ont les pedres ombriues i contretes
Tenen línies de perfecció escultural.

Les campanes tenen ressóns d'agonies
Al plorar, conmogudes, el seu mal...
Semblen sempre que toquen a funeral
Al batre les hores, al transcorrer els dies...

El meu Dolor es un convent. I han llíris
D'un ablanit roig-violáci de martiris,
Tan bells com mai n'ha vist ningú!

A n'aquest trist convent a ont jo'm moro,
Nits i dies dolguda prego, crido i ploro,
I ningú em sent... ningú em veu... ningú...

A FLOR DO SONHO

A Flor do Sonho alvíssima, divina,
Miraculosamente abriu em mim,
Como se uma magnólia de cetim
Fosse florir num muro todo em ruína.

Pende em meu seio a haste branda e fina
E não posso entender como é que, enfim,
Essa tão rara flor abriu assim!...
Milagre... fantasia... ou, talvez, sina...

Ó Flor que em mim nasceste sem abrolhos,
Que tem que sejam tristes os meus olhos
Se eles são tristes pelo amor de ti?!...

Desde que em mim nasceste em noite calma,
Voou ao longe a asa da minh'alma
E nunca, nunca mais eu me entendi...

FLOR D'ENSOMNI

La blanca flor del somni, divina,
Miraculosament s'obri en mí,
Com si una magnólia de setí
Fos a florir en un mur en ruína.

Penja en mon pit, la tija flonga i fina
I no puc entendrer com i amo quin fí,
Aquesta tant rara flor així s'obria!...
Miracle... fantasia... tal volta el destí...

Oh flor que'n mí naixeres sense abrulls,
Que tenen, que sont tristos els meus ulls
Si ells estant tristos per l'amor teu?!...

Des de que'n mí naixeres una nit en calma,
Volaren lluny les ales de la meva ánima
I mai, jamai, jo vaig poder entendreu...

NOITE DE SAUDADE

A noite vem pousando devagar
Sobre a terra que inunda de amargura...
E nem sequer a bênção do luar
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu ouço a Noite imensa soluçar!
E eu ouço soluçar a Noite escura!

Porque és assim tão 'scura, assim tão triste?
É que talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu não sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

NIT D'ANYORANÇA

Poc a poquet la Nit va caient
Sabre la terra qu'inunda d'amargura
I ni un raig de lluna clement
La vol tornar divinament pura...

Ningú va darrera d'ella a acompanyar
El seu dolor que l'omplena de tortura...
I jo sent-ho la Nit inmensa sanglotar!
I jo sent-ho plorar á la Nit obscura!

Perqué ets així tant fosca, així tant dolorosa?
Es que tal volta, oh Nit, viu en tu com llosa
Una anyorança com la que á mi em va marcint!

Anyorança que jo no se si em ve d'algú!...
Tal vegada de tú, oh Nit!... O de ningú!...
Que jo mai se qui soc, ni lo tinc!!

DESEJOS VÃOS

Eu qu'ria ser o Mar de altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa!
Eu qu'ria ser a Pedra que não pensa,
A Pedra do caminho, rude e forte!

Eu qu'ria ser o Sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu qu'ria ser a árvore tosca e densa
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...
As árvores também, como quem reza,
Abrem aos céus os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim dum dia,
Tem lágrimas de sangue na agonia!
E as pedras... essas... pisa-as toda a gente!...

VANS DESITGS

Jo voldria ésser la Mar d'altiu port
Que riu i canta á la vastitud inmensa!
Jo voldria ésser la Pedra que no pensa,
El Pedregám del camí, aspre i fort!

FLORBELA ESPANCA em 1925

Jo voldria ésser el sol, la llum intensa,
El bé del que's humil i no te sort!
Jo voldria ésser l'alzina tosca i densa
Qus rient del mon va fins la mort!

Peró la Mar també plora de tristesa...
Els arbres també, com qui resa,
Obren al cel els braços, com un creiént!

I el Sol altiu i fort, al finar el dia,
Té llágrimes de sang en s'agonia!
I les Pedres... aquestes... les treptija tota la gent!...

SÓROR SAUDADE

Irmã Sóror Saudade me chamaste...
E na minha alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de outono o murmuraste;
Toda a mágoa do outono, ele me trouxe;
Jamais me hão-de chamar outro mais doce;
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma de minha alma,
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me deste: Irmã Sóror Saudade...

SOR ANYORANÇA

Germana Sor Anyorança em digueres...
I el nóm s'il-luminá en l'ánima meva
Com finestral al sol, com una diadema
A la llum del mateix sommi que somniares.

Un jorn de tardor el murmurares;
Les tristes queixes del vent em portá;
Amb altre mes dolç mai em podrán cridá;
I amb ell molt mes trista em deixares...

I baixet, en el fons de l'ánima meva,
Com un raig de sol que acaricia i assossega,
En les hores de febre i malaurança,

Com si fóssin pétals de rosa caient,
Dic les paraules d'aquest nom tant bell
Que tu em donares: Germana Sor Anyorança...

Notar-se-á que os sonetos acima transcritos fazem todos parte do «*Livro de Mágoas*», com excepção do último, que é o soneto com que abre o «*Livro de Sóror Saudade*». E o leitor atento notará ainda que o tradutor se esforçou por respeitar o que já o escritor e crítico Urbano Tavares Rodrigues destacou, ao meditar no lirismo de Florbela: um «harmonioso equilíbrio do conteúdo e da expressão», o que dá aos seus sonetos «o toque da perenidade». De facto, muito raro é que Aletá Roca altere a constituição frásica do verso original e, quando o faz, é para assegurar a mais perfeita tradução do pensamento e da inspiração da nossa poetisa.

A obra do Acaso não se limitou ao exposto nas páginas anteriores. Quis ele ainda interferir no conhecimento que, *casualmente*, tive da existência, na Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, de treze sonetos de Florbela Espanca traduzidos pelo mesmo poeta espanhol Enrique Aletá Roca, dactilografados e com data de 1948. Seriam os mesmos sonetos que me tinham sido enviados, precisamente naquele ano? Seriam outros? E como teriam eles dado entrada na Biblioteca Municipal de Matosinhos? Não foi difícil o esclarecimento de tudo, graças à penhorante amabilidade da Direcção da mesma Biblioteca, que colocou à minha disposição os elementos de que necessitava para estudo do assunto.

Tudo se explica do seguinte modo: Há já alguns anos, o Dr. Mário Lage, viúvo da grande Poetisa, recentemente falecido, resolveu oferecer à citada Biblioteca diversos livros e papéis pertencentes ao espólio literário de Florbela, tais como primeiras edições, cartas, retratos, etc. Entre as recordações e papéis ofertados, contavam-se treze sonetos vertidos para linguagem catalã pelo poeta do país vizinho Enrique Aletá Roca, residente em Saragoça, os quais passaram a fazer parte do fundo daquele estabelecimento cultural matosinhense.

Compreende-se, pois, que o referido poeta hispânico tomara, em dada

altura, a resolução de enviar aquelas suas traduções à família de Florbela Espanca, com o evidente propósito de a certificar da sua admiração pelo talento da gloriosa poetisa alentejana, cuja memória desejou preitear pondo algumas das composições dos «*Sonetos Completos*» na sua língua materna.

Analisados os sonetos de Aletá, verifiquei que oito deles tinham-me sido enviados, em 1948, por ele próprio, e são os que já se transcreveram nas páginas precedentes, havendo, por consequência, também vertidos para aquela língua, cinco que eu ainda não conhecia e que, certamente, o autor traduzira em data posterior. São os intitulados *Alma Perdida, Silêncio, Eu, Frieza* e *À Janela de Garcia de Resende*, todos incluídos no «*Livro de Mágoas*», no «*Livro de Sóror Saudade*» e em «*Reliquiae*».

Publicam-se seguidamente, do mesmo modo que os anteriores:

ALMA PERDIDA

Toda esta noite o rouxinol chorou,
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!
Alma de rouxinol, alma de gente,
Tu és, talves, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,
Que se fundiu na Dor, suavemente...
Talvez sejas a alma, alma doente
De alguém que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste... e eu chorei
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,
Que eu pensei que tu eras a minha alma
Que chorasse perdida em tua voz!...

ÁNIMA PERDUDA

Tota aquesta nit el rossinyol plorá,
Pregant i gemegant, cantava desconhortadament!
Ánima de rossinyol, pensava jo amargament
Qu'eres tant mateix la d'algú que ja finá!

Tu ets tal vegada, un somni que passá,
Que's fongué en el Dolor, suaument...
Pot ésser que sies l'ánima d'un que bojament
Cercava amors i no'ls trobá.

Tota la nit plorares... i jo plorava
Tal vegada perqué al oir-te endevinaba
Qne ningú comprén el desconçol teu!

Cantares tantes coses a la nit albaïna
Que jo pensava qu'era la meva ánima
Que plorava perduda en la teva veu!...

SILÊNCIO!...

No fadário que é meu, neste penar,
Noite alta, noite escura, noite morta,
Sou o vento que geme e quer entrar,
Sou o vento que vai bater-te à porta...

Vivo longe de ti, mas que me importa?
Se eu já não vivo em mim? Ando a vaguear
Em roda à tua casa, a procurar
Beber-te a voz, apaixonada, absorta!

Estou junto de ti e não me vês...
Quantas vezes no livro em que tu lês
Meu olhar se pousou e se perdeu!

Trago-te como um filho nos meus braços!
E na tua casa... Escuta!... Uns leves passos...
Silêncio, meu amor!... Abre! Sou eu!...

SILENCI

En l'hora trista del meu penar,
En la nit alta, nit fosca, nit morta,
Soc el vent, que plora i vol entrar,
Soc el vent, que vé á trucar la porta...

Ex-libris do poeta espanhol ENRIQUE ALETÁ ROCA

Visc lluny de tú, més aixó que importa?
Si jó, ja no visc en mi. Camino errant
Embriagant-me de tu casa al voltant,
De la teva veu, apassionada, absorta!

Estan á prop teu, no em percebeixes...
Quantas vegades al llibre que llegueixes
Mos ulls es claven amb gran passió!

Et porto com un fill en els meus braços!
Escolta!... No sents en la casa lleus passos?
Silenci, Amor meu!... Obre! Soc jó!...

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto, sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo p'ra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

JO

Jo soc la que pel món camina anguniosa,
Jo soc la de la vida sense nord,
Soc la germana del Somni, i d'aquesta sort
Soc la crucificada... la dolorosa...

Ombra de fina boira desvanescuda,
I que'l desti amarg, trist i fort,
Empeny brutalment cap a la mort!
Ánima endolada sempre incomprenguda!...

Soc aquella que al passar ningú veié...
Soc la que sense esser-ho, la trista en nomenen...
Soc la que plora sense sapiguer perqué...

Soc tal vegada la vissió que algú somniá,
Algú que vingué al món per á veurem
I que mai en la vida em pogué trobar!

FRIEZA

Os teus olhos são frios como as espadas,
E claros como os trágicos punhais,
Têm brilhos constantes de metais,
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas
De abandonos cruéis e desleais,
Fantásticos desejos irreais,
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,
Que viver neste mundo sem amar
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!
E quanta vez dirás a soluçar:
«Ah! Quem me dera, Irmã, amar assim...»

INDIFERENCIA

Els teus ulls sont frets com les espases,
I clars com els trágics punyals;
Tenen esclats tallants de metalls,
Fulgors de fulles d'acer gelades.

Veig en ells imatges retratades
D'abandós crudels i deslleials,
Fantástics desitjos irreals,
I tot l'or i sol de les matinades!

Mes no t'envejo, Amor, eixa indiferencia,
Que viurer en aquest món sense estimar
Es pitjor qu'ésser cec de naiscensa!

Tu envejes el dolor que víu en mi!
E quantes vegades dirás al plorar:
«Ah! Qui em deixés, germana, estimar aixi...»

À JANELA DE GARCIA DE RESENDE

Janela antiga sobre a rua plana...
Ilumina-a o luar com seu clarão...
Dantes, a descansar de luta insana,
Fui, talvez, flor no poético balcão...

Dantes! Da minha glória altiva e ufana,
Talvez... Quem sabe?... Tonto de ilusão,
Meu rude coração de alentejana
Me palpitasse ao luar nesse balcão...

Mística dona, em outras primaveras,
Em refulgentes horas de outras eras,
Vi passar o cortejo ao sol doirado...

Bandeiras! Pagens! O pendão real!
E na tua mão, vermelha, triunfal,
Minha divisa: um coração chagado!...

LA FINESTRA DE GARCIA DE RESENDE

Finestra antiga damunt la Plaça plana...
Il-luminada per la lluna amb sa claror...
En temps llunyá, després d'una lluita insana,
Tal volta jo era la flor del poétic balcó...

Avans! De ma gloria altiva i ufana,
Pot ésser que... Qui sab?... Plé d'il-lussió,
Mon impetuós cor d'alentejana
Batia al clar de lluna en aquest balcó...

Mística dona, en altres primaveres,
En refulgents hores d'unes altres eres,
Veia com passaba ton corteig pel sol daurat...

Senyeres! Patges! El peinó reial!
En la teva má, vermella, triomfal,
La meva divisa: un cor llatzerat!...

Quis Aletá Roca tornar maior a sua homenagem aumentando o número de traduções de sonetos de Florbela, ignorando-se, neste momento, se esse número não terá subido posteriormente. É natural que o poeta se tenha deliciado — o que ainda não fizera — a verter sonetos da «*Charneca em Flor*», — dessa colectânea lírica que, na opinião de Guido Battelli (outro tradutor de Florbela mas, como se sabe, para italiano) «é uma verdadeira maravilha, que põe o nome de Florbela Espanca alto, bem alto, na história da literatura portuguesa contemporânea, e coloca a sua obra perto dos grandes mestres da literatura universal: perto de Keats e de Leopardi, de Verlaine e de Ruben Dario.»

Na atitude preiteadora de Aletá Roca nota-se o seu escrúpulo, como já assinalei, em não deturpar ou diminuir a ideia ou o sentimento expressos na formosura das palavras eloquentes da artista portuguesa. E não deixa de ser curioso verificar-se que, por entre aquela florescência de vocábulos castelhanos, provençais e italianos, que ajudam a compor o canteiro românico da língua catalã, houve o cuidado de não fazer desaparecer, antes sempre utilizar os termos comuns às duas línguas românicas, — a catalã e a portuguesa —, uma vez que fosse o mesmo o conteúdo ideológico.

Por tal motivo foi talvez que o tradutor, dominado pelo constante objectivo de respeitar a verdade da expressão florbeliana, se não importou com a isometria da estrofe, quer dizer, com a medida exactíssima das sílabas de cada verso, o qual, como se não ignora, é, em Florbela, sempre decassílabo. E ainda pelo mesmo motivo faria surgir, por vezes, certa alteração no elemento rima, a qual, geralmente consoante, passa acidentalmente a toante, como se comprova com estes exemplos colhidos nos respectivos textos: *tristeza — seda; ressa — Naturaleza; agonies — enfredorides; espasses — gelades; meva — diadema.*

Será simples a homenagem do poeta espanhol à alta personalidade artística e à memória de Florbela Espanca, mas a sua simplicidade nada impede que seja considerada particularmente significativa e completamente desvanecedora por aqueles portugueses que sempre tiveram pela extraordinária poetisa um culto onde cabem merecidamente todas as admirações e todos os preitos.

G. M. E.
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos
11621
Florbela Espanca em Catalão